

Processos de aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira - caminho de mão única

Áurea Leão de Castro R.
USP*

Introdução

Este trabalho surgiu de uma pesquisa etnográfica em três ambientes diferentes de aula de Inglês aliada a uma atitude reflexiva, favorecida pela contribuição de uma extensa experiência pedagógica. Métodos alternativos do ensino sugerem uma análise do contexto total da sala de aula do ponto de vista do professor e do ponto de vista do aluno para diagnosticar como as interações entre professor e aluno afetam o aprendizado; *se, de acordo com Bruner "much of the process of education consists of being able to distance oneself in some way from what one knows by being able to reflect on one's own knowledge."* (Bruner: 127), esta pesquisa veio de encontro a um distanciamento na posição de etnógrafo seguido de um questionamento sobre o contínuo desinteresse em sala de aulas de Inglês e suas possíveis causas. O professor, fiel a livros, editoras e a linhas pedagógicas da instituição muitas vezes coloca-se em uma posição

Resumo: Através de uma visão etnográfica, este trabalho se constitui de um relato de aulas de inglês observadas em 4 grupos situados em 3 ambientes diferentes: - escola pública, escola particular e curso de idiomas, todos na cidade de São Paulo; o objeto do estudo é tentar traçar a problemática da falta de motivação dos alunos nas aulas de inglês nas três instituições como impedimento na aprendizagem do idioma, bem como alertar para o fato disso ser causado pela própria dinâmica de aula que geralmente se movimenta numa mão única - do livro para o aluno.

Palavras-chave: motivação, aprendizado, conteúdo, participação, desmotivação

Abstract: Through an ethnographic view this article reports the observation of English lessons in four groups in three different institutions: public school, private school and English course in the city of São Paulo. The aim of this project is to show the problematic of lack of motivation in English lessons in general as an impediment of the foreign language learning, what may be caused by the one-way direction of the lesson, from the book to the student.

Key-words: motivation, learning, content, participation, demotivation.

* Professora de Língua Inglesa no Centro de Línguas - FFLCH - USP

de 'oposição' ao aluno já que pressupostamente, depois de ter esmiuçado vários tipos de material juntamente com coordenadores acadêmicos, assumiria a escolha do que é bom ou não para o aluno estando consequentemente em vantagem para tal julgamento. Com relação a este aspecto Erickson, (1987:343-4), aponta: "Students in school, like other humans, learn constantly. When we say they are "not learning" what we mean is that they are not learning what school authorities, teachers, and administrators intend for them to learn as the result of intentional instruction (Gearing and Sangre, 1979)." Geralmente, se em alguns momentos o professor, ainda em aula, reconhece o fracasso de tal e tal atividade, inúmeras vezes ele ignora esse fato como se daí a algum tempo, o próprio tempo resolvesse o problema, ou seja, em instantes de objetividade, o professor não admite que a falha seja da dinâmica da aula, mas, pelo contrário, acredita ser sempre do aluno, isoladamente. "(...) The teacher tends to use clinical labels and to attribute internal traits to students (e.g. "un-motivated") rather than seeing what is happening...: (...) " (Ibidem, 337).

Na posição de etnógrafo, o que propicia ao professor analisar o fato como um observador com experiência, o problema lhe parece diferente do que era a princípio, pois a vivência da situação de dentro para fora (da posição de professor para a de etnógrafo), lhe permite descrever fenômenos de sala de aula sob uma nova perspectiva. Ao observar e narrar episódios em sala de aula, eu como etnógrafo, pude abordar questões básicas de teoria e prática em matéria de língua estrangeira. Como

Watson-Gegeo (1988:585) apontou:

"ethnographic methods offer us an approach for systematically documenting teaching-learning interactions in rich, contextualized detail with the aim of developing grounded theory (i.e. theory generated from data) "

Dentro desta pesquisa, tentei juntar uma sistemática seleção de exemplos representativos nos quais se observam tendência central e variação porque "anything less caricatures rather than characterizes what the ethnographer has observed and recorded." (Watson-Gegeo, op.cit.,ibidem)

Vale ressaltar também que há muita ênfase no que a escola desinha possa fazer como se esta fosse desvinculada da sociedade. Pela 'ritualização da palavra' termo cunhado por Foucault (Foucault, 1996:44), a escolha do material impresso a ser adotado na escola não escapa aos parâmetros sociais impostos fora dos seus portões, os quais impõem o caminho que ela, a escola, deve seguir. Com preocupação similar Erickson diz: "Assent to the exercise of authority involves trust that its exercise will be benign." (op.cit, p.344)

RELATO

A seguir relatei as experiências em três ambientes diferentes que, porém, pressupõem um fim em comum: ensinar Inglês.

1) Grupo observado.: 5º série do 1º grau do Colégio J. S. P. Bairão : J. S. P.

Características: escola particular de padrão médio de ensino e frequentado pela classe média - alta da

Zona Norte da Cidade de São Paulo. Período noturno.

Quadro.: o ambiente de sala de aula é a 5ª série com aulas de 50' ministradas duas vezes por semana usando um livro de boa aceitação nas escolas particulares. Dentro deste artigo, denomino este ambiente como sendo de meio-termo, visto ficar entre a escola pública e o curso livre em aspectos que se referem à fluência e domínio da língua, preocupação esta ser pressupostamente a prioridade dos cursos particulares.

(...) Início da aula

Profª. "Open your notebooks " (comandos gram dados em inglês) "I'm going to see your homework". Olha a educação! (as repreensões são em português)

AA: "I'm tall. I'm not short. She's thin. She isn't fat.... (lêem alto a lição de casa, enquanto o profª. passa pelas cartelas em vertical dando visto nos cadernos)"
Profª. "She's tall. She's short. He's old.....(lendo as frases soltas do livro enquanto os alunos traduzem).

Com os livros abertos e os alunos alvoroados a profª. começa a misturar o idioma português e o inglês: "... nesse green chart, estão vendo? and " (a profª. preocupa-se em traduzir a palavra and sem que algum aluno tivesse perguntado). Na verdade sua intenção fora a de fazer os alunos ficarem quietos e por isso ela passa a ignorar suas reais perguntas ou reações (risinhos, murmúrios, brincadeirinhas).

Profª.: "No green chart temos os adjetivos possessivos" (profª. reproduz no lousa a lista dos adjetivos possessivos

e os pronomes pessoais) "Let's do it! On page 107 (cento e sete). É no review"

Nesse momento a profª. tenta fazer os alunos pararem de falar: "Look at the picture."

AA.: "Meu, teu, seu, nosso, vosso, deles" (produzem o "green chart" para o português, fazendo corol).
A profª. dá um exemplo oral do exercício do livro: "... Is she? "
AA: "No, she isn't. She's tall."
Profª.: "Não é / tol /: É / t É /, corrigindo a pronúncia.

Os alunos escrevem o exercício nos cadernos e depois vão à lousa para reproduzi-lo.

Profª.: "Is she short?"
AA: "No, she isn't. She's too tall. " (alunos cuidam da pronúncia).

Os alunos aguardam enquanto se faz a correção. A profª dá um exemplo oral do exercício seguinte. Os alunos retornam ao exercício do livro que consiste de seis frases. Ex: "Is she tall?", etc.,

Profª.: "Who's absent today?"
AA: "O quê? O quê?"
A 1: "...se alguém falou ..."
A 2: "...nº fifteen, fifteen..."
Profª. "Have you finished?"
AA: "NOOOOOO !!! (em alto corol)".

A professora chama 05 alunos para irem ao quadro e passar a correção dos seis frases do livro. A inspetora dos alunos aparece na porta para perguntar sobre material esquecido. Alunos dispersam a atenção e perguntam sobre isso entre si.

sempre que possível em português. Os alunos fazem o exercício de comparativo no livro em pares e conversam em português.

Prof.: "I need a volunteer to write the first one on the board. People, check if the spelling is correct."

Alguns vão à lousa para escrever os comparações. A prof. (em inglês) tenta tirar dos alunos a conclusão da regra:

Prof.: "What's the rule?"

AA: "Consoante" (português)

Prof.: "When do you have to double the consonant?"

AA: "Quando é sanduiche: vogal e consoante."

A prof. explica, então a regra em português. Ai coloca o adjetivo longo e dobra a consoante. Pergunta: "In this case - consonant, vowel, consonant?"

AA: "Nãoooooooo!!!"

Prof.: "Why not?"

AA: "Porque é um adjetivo longo!"

Prof.: "There's another rule. Além (em português) disso, se fosse adjetivo curto, tinha que ver o stress da palavra. Vocês falam Interested ou interestad?"

AA: "Interested!"

Prof.: "Now let's do it orally! Paula, comfortable..."

Al (Paula): "... more comfortable." E assim a professora chama mais um.

Prof.: "Rodrigo, do the irregular. Thank you. Only repeat after me: Good-Better"

AA: "Good, worse."

AA: "Bad, worse."

Prof.: "Now, open your books on page 46. Look, we'll do unit 5 and unit 6 again because it's the same topic."

Priscila, read the introduction. "

A (Priscila): " (Inaudível) "

Prof.: "Andy is taller than Judy, Helen is taller than Andy, Helen is the tallest. OK? Do individually or in pairs."

Alunos escrevem respostas no "chart" do livro. A prof. dá mais exemplos com erro:

"São Paulo is the bigger city in Brasil."

Unit 6 is as more difficult as Unit 5."

(Exemplos na lousa). Rodrigo brinca com o colega. Alunos reconhecem os erros.

Prof.: "How do you say: Ela é melhor do que o menino. Can I say gooder than?"

AA: "Better than the boy."

Prof.: "OK! Now, come back to page 38. Now, in pairs compare and form sentences in pairs."

Alunos perguntam sobre o vocabulário:

A3: "Que quer dizer further?"

Prof.: "Ricardo, listen: Rio de Janeiro is farther than Santos".

A3: "Com U ou A?"

A prof. escreve further e farther na lousa e diz que não há diferença.

(depois de algum tempo):

Prof.: "Now, change partners. Come on, stand up and form sentences."

Alunos fazem novas frases.

Prof.: "Correct your friend. If you hear Judy is the younger than Sally, Not the younger. No."

Os alunos prosseguem o exercício comparando-se com a figura: "I'm younger than Judy." Fazem perguntas individuais em português enquanto escrevem. A professora responde em inglês.

AA: "Então, teacher! Taller than Sam", (somente a resposta no livro é fornecida em inglês).

A4: "Start again, teacher?"

A5: "Again? O número 3? NOSSA!"

Pela 3ª vez, os alunos mudam de pares e começam o mesmo exercício, a professora dá exemplos de "erro" de novo: (gooder, the younger, etc.). Os alunos em pares formulam novas frases: "I'm taller than Sam." Outro aluno ri e corrige:

A6: "Ah é? Xo vê, fica em pé."

A7: "Teacher, aqui já terminou também."

(...) Fim de aula

Depois de 50' e muito empenho por parte da professora, os alunos se mostravam entediados com tanta repetição de um ponto gramatical que parecia não ter apresentado dificuldade e por não ser novo para eles que se encontram no curso há 2 anos e meio. A fluência oral, ponto forte para o curso é relegada e esquecida, pois o que se exige dos alunos é que fiquem por muito tempo na mesma unidade do livro e há muita pouca demanda no que diz respeito a algo realmente novo para eles. Como consequência, os alunos apresentam pouco interesse pela aula e não sentem necessidade alguma de falar o idioma, visto que sua capacidade é sempre tolhida pelo pouco que a página do livro terá

exigido no final da aula - é interessante notar que os alunos se preocupam em usar o idioma ao repetir a fórmula ou regra gramatical e que entendem tudo o que a professora fala - a única pessoa na sala que realmente usa o idioma estrangeiro.

Quanto a tentar se comunicar na outra língua, não há nada que os convença. Nas atividades em pares ou grupos os assuntos de aula ou não, são sempre tratados na língua materna e somente quando a professora chega perto, é que os alunos simulam estar usando o outro idioma passando a produzir o que foi ensinado. Dá a impressão que o que se ensinou é algo estrangeiro, enfiado em livros e que a língua que o mundo lá fora precisa é outra. Todos os esforços do professor de uma equipe não se apresentam convincentes aos alunos. Grande parte da expectativa que tais alunos levam para os cursos livres e particulares, é pouco aproveitada, fato este que não gera nenhuma motivação.

Para comparar os dados, procurei outro grupo há mais tempo na mesma instituição (4 anos e meio), onde o domínio da língua estrangeira seria mais evidente.

III) Grupo Observado: Intermediário superior (ibidem) Bairro: (ibidem)

Características: Grupo de 19 alunos de poder aquisitivo médio/alto com idade de 15 a 17 anos há 09 semestres aprendendo o idioma.

Quadro. O ambiente de sala de aula é o mesmo do anterior com aulas de 100' duas vezes por semana. Livro adotado importado. Pressupõe-se que a fluência deste grupo esteja

razoavelmente desenvolvida. No entanto não será possível perceber isso, pois, nesta aula propriamente dita, os alunos serão preparados para lição de casa na apostila de redação: Writing, material fornecido no início do semestre.

(...) Início de aula

O professor mostra uma carta no Projetor e manda comparar esta carta com a da apostila. Os alunos têm que identificar aspectos formais ou informais

Prof.: "You're going to do the following! You're going to write a letter. Remember, it's a formal letter using the language we have seen remember, and you're going to write a letter asking for more information about the questions that you have. Right? Can we set it, for next week, no, we have no classes, so for the following week. OK? Remember to do it on a separate piece of paper to give it to me. It's to hand in."

Os alunos entretidos comparam as cartas mas falam em português.

A1: "Professor, teacher, what...I don't understand."

O professor vai ao seu lugar e explica em inglês. O aluno diz:

A1: "Ah, tá! E virou-se para o colega e diz:

A1: "Tem que fazer pergunta na carta."

Alguns alunos acabam e ficam conversando sobre provas na Escola (onde estudam). Esperam passar o tempo.

A2: "O que é para fazer? Qualquer coisa? Pensei que era só para..." (alguém interrompe)
A3: "Essa preparação é para o homework, imbecil!"

Os alunos riem.

A4: "A pior coisa 'é' essas redações - tudo bonitinha, certinha!"

Algum tempo depois, o professor escreve na lousa:

Being a boy means.....
Being a girl means.....
Being young means.....

A5: (um garoto): "..... a boy means being more intelligent".

A6: (uma garota) "..... a boy means being a liar."

(Risadas)
Prof.: "What about being young?"

A7: "It means healthy."

Prof.: "Open your books on page....." (Ex 1)

Os alunos têm que identificar palavras associadas às meninas e aos meninos no quadro do livro. Muito do vocabulário eles não conhecem e perguntam:

A8: "Teacher, que quer dizer clinging?"

O professor não ouve, pois está mandando fazer pares. Alunos levantam, arrastam as carteiras e derrubam os livros e estojos de lata no chão. Mas conseguem fazer grupos de 3 ou 4 alunos. Enquanto se agrupam os alunos conversam o tempo todo (em português). Em novos grupos meninas e meninas atribuem os adjetivos à mulher ou homem.

A9: (menina) "Girls.. more clever".

A:10: (menino) "More clever não, por muito tempo."

(Risadas).
A9: (menina) "Err..ational, para quem vai?"

A: 10: (menino) "Para os meninos, é claro!"

O Professor pede para eles lerem o poema: "Boys will be boys/It's a fact of human nature...."

A9: "Ah, que ridículo! You agree?"

A 10: "Yesssss!"

A 9: "I disagree."

A11: "I disagree, too."

Em grupos, eles justificam as escolhas em português e riem muito.

A 12: "I think NO."

A 13: "Que? Agree? Agree o quê?"

(...) Fim de aula

A aula de inglês, mais uma vez, teve pouco ou quase nada que fizesse diferença para o acréscimo do aprendizado da língua estrangeira. Houve interação, flexibilidade mas o interesse dos alunos não foi despertado provavelmente pela inexistência de desafio, falta de novidade de "input", vagariedade no uso do material. Por isso, a motivação para com a língua torna-se inexpressiva, ausente, uma vez que somente o professor "tem" que falar inglês ou que o inglês fica reservado para as frases desituidas de importância alinhadas na página do livro. É como se entre todos aqueles diálogos e o idioma usado no diálogo houvesse uma diferença abissal. Os alunos usam o idioma inglês para ler ou repetir o que há no livro. Dá até a impressão que eles o fazem por uma questão de cooperação com o professor que, incansavelmente, na frente da classe, permanece falando o idioma inglês o tempo todo. De certa forma os alunos, ao reagir assim, correspondem

à expectativa do professor, pois não podem participar com desembaraço na língua estrangeira. É dessa forma que os alunos se sentem. Pareceu-me que os alunos decodificam o idioma: quando se usa o livro fala-se inglês, porém para toda e qualquer outra situação de sala de aula, ou melhor, para todo o resto que acontece naturalmente, fala-se o português. O idioma estrangeiro lhes parece assim como anti-exemplo de comunicação - esta só é obtida na língua de todos presentes. Desafio e motivação para o aprendizado da língua estrangeira? Zero.

IV) Grupo Observado: 7º e 8º séries do 1º grau na Escola Estadual O. P. Bairro: núcleo comunitário da Serra da Cantareira.

Características: Grupos de 36 e 34 alunos respectivamente de baixo poder aquisitivo consistindo-se basicamente de filhos dos caseiros e empregados domésticas das mansões do bairro. Idade variando de 13 a 17 anos e 14 a 21 anos respectivamente. Período vespertino.

Quadro. Dentro deste trabalho, eu chamaria este grupo de extremo oposto ao anterior, pelo fato de estar desituido de condições de frequentar qualquer curso livre ou escola particular. É o grupo do qual não se espera fluência. Não há livro adotado. A escola fornece xerox de material que o professor escolhe. Os alunos têm aulas de 55', duas vezes por semana, sendo a disciplina Inglês, considerada atividade (não lhe é atribuída nota ou conceito que reprove o aluno). Estive presente em dois grupos: de 7º e 8º série e relatei em seguida situações dos dois grupos alternadamente.

7ª série:

O professor começa sua aula dizendo: "Bem, vocês abram os cadernos e vamos corrigir a lição. Os alunos estão muito barulhentos. O professor continua falando e os manda ler alto os números da página e aí o professor manda fazer contos (em português e os resultados também em português)".

Prof.: "4x4 = ?"
AA: "16"
AA: "Num dá, professor!"
Prof.: "5x7 = ?"
AA: "8". (alunos respondem)
Prof.: "32 dividido por 2"
Prof.: "Dezesseis, né?" (ele mesmo dá a resposta)
Prof.: "60 : 3 = ?"
A1: "20"
Prof.: "Agora a última : 32:3 = ? Esse não vai dar, né?"
A2: "10. 222"
Prof.: "É, esse vai dar dizima. Bem, passemos aos trabalhos de vocês na semana que vem! Tô?"

O professor, na sua suposta aula de Inglês, continua dando vários algarismos e pedindo inúmeros operações matemáticas, tudo sem qualquer palavra em inglês. A inspetora aparece à porta e avisa o professor que dentro de alguns minutos vai haver reunião da APM (Associação de Pais e Mestres) e que ele tem que comparecer. Só fazia uns 10' que a aula começara. O professor orienta os alunos para fazerem lição escrita enquanto ele se encontra em reunião. Manda fazer o cabeçalho e uma aluna passa a lição nova na lousa. E o

professor sai. Os alunos ficam sozinhos obedecendo ao que foi passado pelo professor.

A1: "Pula a linha?"
A2 : (menina da lousa) "Se vocês quiserem, podem pular linha."

Os alunos copiam mecanicamente e há um relativo silêncio na classe. Na lousa a aluna escreve:

Contrasts:

Small X big	Strong X weak
Long X short	Hot X cold
Open X closed	Wrong X right

Em poucos minutos, os alunos acabam essa tarefa e começam a conversar e se levantar. Pelo resto do tempo da aula, os alunos ficaram sem papo, atiram pedacinhos de papel um ao outro. Aos poucos vão saindo para o corredor ou pátio. Aguardei com eles por 20', porém o barulho foi ficando cada vez maior com as conversas e o tempo da aula se esgotou.

Saldo do que foi aprendido: operações matemáticas em português com 12 adjetivos de revisão em inglês sob a monitoria de uma aluna do grupo.

8ª série:

O professor, o mesmo que dá aula no grupo citado acima, dá início retomando o que deu em aulas anteriores. Há uma revisão para montar um diálogo na lousa, baseado no que foi ensinado previamente.

AA: "What's your name?"

1 Por ser uma escola pequena e afastada, o mesmo professor cobre todas as aulas de inglês e as de português.

A1: "Professor, a gente já fez isto na 5ª série!!!"

Prof. (ignorando ou nem ouvindo o comentário): "Se eu pergunto 'What's your name....., a gente responde.....'
AA: " My name is.... (em coro)

Depois que todos copiam, o professor faz os alunos lerem alto em coro o diálogo somente com as perguntas. O professor vai a uma frase de cada vez para que os alunos as traduzam. Aí, os alunos fazem dupla e tentam recriar o mesmo diálogo entrecortado com português:

" - Que..... good morning! "
(aluno gagueja com o português)
A2: "What's your name?"
A3: "My name is..... and you? (esta forma esteve presente nos diálogos escritos na lousa e na constante repetição oral).

Em meio a um certo barulho de vozes baixas, o professor conduz o diálogo sempre traduzindo em português. De repente, o professor revê os greetings e diz:

Prof. " Good morning! So long! Bye!
Goodbye! How are you? Good afternoon!"
A4: "Professor, como se fala "e" em inglês?"
Prof.: "and". (Apesar do teor extremamente fácil da pergunta para uma 8ª série, o professor a toma como natural e prossegue com a aula).

Depois de um tempo, o professor pega 6 dicionários Inglês-Português (de editoras conhecidas no meio acadêmico e, surpreendentemente fazendo parte de uma biblioteca de escola estadual), caso os alunos

possam precisar pois a partir daí, eles vão copiar o diálogo em folhas de sulfite e traduzir em seguida; alguns têm recortes de revista em quadrinhos e personalizam os seus diálogos com a colagem dos personagens no topo da folha de sulfite: esse é o trabalho de inglês. Por algum tempo, eles ficam quietos, entretidos no tesoura, cola e recortes, fazendo o que foi pedido sempre consultando os colegas do lado para a cópia do diálogo. Os alunos que acabam, se levantam, vão à lousa, ao lixo, ao banheiro e voltam. Previsivelmente, eles sabem que não haverá mais o que fazer na aula de inglês - é nessa cópia mecânica que a aula se encerrará. O sinal toca.

(...) Fim de aula

Em outro contato com os grupos observados, distribuí questionários ao professor e aos alunos. Tentei entender o processo de aprendizagem de língua estrangeira dentro das aulas assistidas, mas percebi que isso era impossível, pois não houvera nem processo, nem aprendizagem, nem tampouco processo de aprendizagem de língua estrangeira. Os alunos são mantidos dentro da sala de aula para passar o tempo e nesse tempo o professor transmite alguns ensinamentos em inglês destituídos de qualquer importância para a vida dos alunos, tendo-se em vista que são diálogos partindo do ponto inicial "What's your name?", há 4 anos atrás (5ª Série); os alunos não vêem nenhuma razão prática para o que está acontecendo na aula e, por isso mesmo, não têm o interesse despertado. Mantém-se o mesmo padrão de dificuldade desde a

5º até a 8ª série, ou seja tudo é desprovido de qualquer desafio por ser altamente previsível, além do fato de que fica claro que não é esse o diálogo do dia-a-dia. O que chama a atenção é que os alunos acatam esse procedimento como certo e aceitam a situação como se fosse algo que não poderia ser diferente; há um sentimento de resignação, mesmo porque o professor é tido como parte inocente em todo o sistema escolar pois os alunos se acham satisfeitos com a qualidade do que lhes é ensinado. Essa atitude de conformação com o que lhes é oferecido lhes faz achar que a disciplina INGLÊS é, naturalmente, aprendida fora da escola em cursos particulares e que seria muito exigir que se oferecesse um curso melhor na escola estadual. Há, não só uma unânime aceitação submissa de se legitimar os cursos de inglês fora da escola como sendo os únicos detentores do poder e da capacitação do ensinamento da língua inglesa, como também e, por consequência, nenhum questionamento do porquê da obrigatoriedade dessa disciplina no ensino de 1º grau.

CONSIDERAÇÕES

Nas três realidades observadas, a ausência de interesse maior por parte dos alunos deve-se ao fato de que o que era apresentado ficava muito aquém do que os alunos esperavam, fato este que extingue e de fato, extinguiu qualquer possibilidade de motivação. Se tomarmos cada exemplo em particular e todas variáveis que os cercam, teremos ainda assim pontos comuns entre os três casos:

- perde-se tempo - em sala de aula de língua estrangeira na escola estadual, particular ou curso livre.

- o potencial de muitos alunos deixa de ser explorado em relação a língua estrangeira que, para eles ficará restrito a investimentos futuros, algo como uma "commodity", que será adquirida quando for necessária e, que portanto, terá um tratamento diferente de outras disciplinas. Existe até, nesse sentido uma certa resignação por parte dos alunos que não exigem que essa situação possa ser diferente.

- o tratamento que a disciplina Língua Estrangeira recebe é de algo estante, artificial, contido apenas em livros, distante da realidade da língua.

No primeiro grupo estudado, ensino de 1º grau em escola particular, a aula é dada toda em português exceto quando a professora lê enunciados do livro nos exercícios. A repetição constante do mesmo tema e a interrupção da aula para assuntos paralelos caracteriza a aula e, por conseguinte a disciplina INGLÊS, como um conhecimento teórico, sem função de língua falada. Até mesmo a professora pouco uso faz da língua inglesa nas aulas: dá os comandos em português e responde muitas vezes em português.

No segundo grupo, curso livre de idioma, apesar do domínio da língua estrangeira por parte do professor e professora, os alunos também não demonstram sequer alguma preocupação com a comunicação através de inglês, pois novamente tudo se mostra artificial ou extremamente lívresco e até repetitivo; nem tampouco todo o esforço enviado pelos professores parece motivá-los para a aula. Talvez

porque para este grupo de melhor poder aquisitivo do que os outros, visto que podem pagar um curso particular de inglês, há sempre a chance de se fazer cursos no exterior o que lhes garantirá o aprendizado da língua estrangeira.

No terceiro grupo, ensino de 1º grau em escola estadual, as condições são ainda mais precárias no que tange à bagagem cultural e equipamento audiovisual e, além do mais, agravadas pela falta de inovação no tipo de exercício e na inadequação da atividade para com o ensino de inglês, pois o professor se distancia da proposta da aula e direciona os alunos para confecção de trabalho manual e de treino em matemática. Neste grupo, a língua estrangeira se transforma em mito.

QUESTIONÁRIOS

Os questionários foram especificamente elaborados para essa pesquisa e, portanto as perguntas são ao mesmo tempo gerais, porque há sempre uma certa suspeita por parte de alunos e professor no que diz respeito à questionários, o que gera uma natural resistência e, específicos pois conduzem à avaliação do que se faz e espera fazer da aula de inglês. Os questionários, tanto o do professor como o do aluno, pesquisam quais sugestões, mudanças, tempo de exposição ao inglês e quais foram as coisas mais importantes aprendidas na língua inglesa. Nas três realidades diferentes, o que se nota em comum são as razões que levam os alunos a aprender inglês, a saber:

- porque é obrigatório (escola estadual e particular)

- porque os pais querem (Curso livre)
- porque (vai ajudar bastante depois)
- aqui, o depois (caráter temporal) vem associado ao período profissional, quando então precisarão do idioma. Interessante é que todos crêem que esse depois vem automaticamente, num passe de mágica.

Em comum também foram as respostas quanto ao tempo de estudo da língua - três anos em média -, período normalmente exigido para se comunicar em situações simples a todos, porém no caso dos grupos observados, esse tempo de exposição da língua estrangeira não havia sido suficiente para o domínio da mesma. Ou não teria sido a abordagem que se fizera do idioma estrangeira não lhes aguçando o interesse para a aprendizagem, o motivo da falha do processo?

Outra característica em comum nos questionários foi o teor de simplicidade das palavras que os alunos consideram importantes aprender em outra língua: *father, mother, school, friends, please, teacher, number, very, is, good morning*, todas as que aprenderam. O que ficou evidente neste questionário foi mais os conceitos que estas palavras trazem do que propriamente o vocabulário novo, ou seja, as palavras que os alunos consideravam mais importantes eram pai, mãe, escola, amigos, etc. quer dizer, o que era mais importante na vida deles.

Quanto às sugestões nas aulas os alunos da escola particular e curso livre, foram categóricos em pedir mais música e vídeo (curso livre) enquanto que os alunos da escola estadual pediram para mudar as aulas de inglês com um método mais 'fácil' ou 'ter mais aulas porque inglês é 'complicado'.

Finalmente nas mudanças, os alunos de curso livre mencionaram que gostariam de ter mais diálogo do tipo de 'filme'; na escola particular pediu-se 'coisa nova' ou vídeo ou música; por fim na escola estadual algumas respostas foram estas:

- 'novidades', pois só o diálogo já estava 'ficando chato' (afinal, na 8ª série ainda se aprendia o mesmo diálogo dado na 5ª série pelo mesmo professor;

- 'algo' diferente, mas os alunos não definiram;

- sugestão de que o professor falasse mais o inglês do que o escrevesse;

- nada, muitos disseram que não mudariam nada pois gostam do professor (aqui parece que se confunde o apreço que se tem pela pessoa do professor com fazer mudanças no material, no programa e nas avaliações). Tem-se a impressão de que mudar significa uma traição ao professor. Na aceção dos alunos a escola representa uma instituição que não precisa (ou nunca irá) mudar nada, apesar de estarem conscientes que tudo está muito ruim na escola. Atribuem somente a si o fracasso do aprendizado: "(...) *learning what is deliberately taught can be seen as a form of political assent. Not learning can be seen as a form of political resistance.*" (Erickson, 1987:334)

- outro aluno mencionou que não mudaria nada pois, apesar da disciplina, a qual denomina matéria, o professor explica bem.

No que tange aos professores, seus questionários foram objetivamente respondidos apesar das diferenças de recursos entre o professor estadual e os da rede particular onde o primeiro só

possui a lousa, o giz, e os dicionários, enquanto os últimos têm à mão vídeo, gravador, retroprojektor e aparelho de CD (no caso do curso livre), o que da certa forma lhes facilita possibilita a variação em aula. O material mais usado além da lousa (o curso livre usa pouco a lousa branca) é a reprodução de material avulso (xerox), pois o que afasta os professores de outros materiais é a locomoção dos mesmos (vídeo, TV, retroprojektor) ou o pequeno intervalo entre as aulas. Como é sabido de todos, os professores, contrariamente ao conceito de intervalo no qual estariam se recompondo da atividade de ensinar, fazem uso desse espaço de tempo para guardar o material usado e selecionar o que irá ser usado na aula seguinte.

Com relação às mudanças na sala de aula, os professores apontam para a introdução de diálogos autênticos e menos obediência ordoxos aos tópicos dos livros. No que se refere às suas carreiras, os professores dos grupos observados admitem a necessidade de se continuar aprimorando mas reiteram a importância de estudos individuais ou seja, menos repetição de treinamento, reciclagem ou reflexão coletiva a respeito de pontos que não irão mudar (livros adotados, programas de ensino, tempo de aula, etc.) e mais enfoque no aprimoramento da língua (fluência, pronúncia e textos de leitura).

CONCLUSÃO

Long (1989:160) defende a posição de que "language teaching is in a particularly poor state (...) while this specialization, unlike some subject areas, has its own academic discipline in applied linguistics, which should

contribute to a high level of professionalism, just the opposite appears to be the case in practice." Embora a constatação de que a falta de motivação em sala de aula impede o aprendizado, nesta pesquisa foi preciso, no entanto, que eu tentasse diagnosticar também onde era o foco de tal desinteresse ou o desencadeador do processo e pude verificar que era mais grave do que eu pensava:

- havia (há) o problema do livro adotado que tantas vezes aborda assuntos estranhos à cultura dos nossos alunos/as ou o problema do não uso de nenhum livro, o que recaiu numa preparação de trabalhos que mais pareceram "manuais e artísticos" do que da disciplina Inglês;

- havia (há) o problema da subestimação da capacidade do aluno através de cansativa repetição sobre um mesmo tópico até a exaustão;

- havia (há) o domínio do discurso do professor, quando só ele/ela usa a língua estrangeira, fazendo parecer aos alunos que ele/ela está reproduzindo o que o livro dita e que portanto não vale a pena imitá-lo (heja vista a participação quase nula do aluno em comunicar-se em inglês nas aulas), ou que a usa apenas para comandos e enunciados ou, mesmo ainda, quando da total ausência da língua estrangeira (caso da aula com operações matemáticas)*;

- havia (há) o problema do 'given' - procedimentos nos cursos de idioma que não sofreram alteração mesmo que sejam obstáculos ao aprendizado.

Resumindo, as 'coisas' em sala de aula de inglês-lingua estrangeira- 'chegaram ao que são' (resistência/repúdio da disciplina), por algum descuido por parte das instituições, o

que abarca setores acadêmicos, administrativos e editoriais; esta resistência, só poderá ser superada se houver a constatação das próprias fraquezas e se, a realidade da desmotivação for admitida e posteriormente, trabalhada. Tentar ignorar a existência dessas exigências significa "(...) to place the responsibility for school failure outside the school", como diz Erickson (1987:335), ou no mínimo dar ao aluno a faculdade de ele estar reprovando a escola e não o inverso pois esta não atingiu os objetivos, não o preparou para a vida, enfim não o acolheu.

BIBLIOGRAFIA

- BOAS, F., (1940) *Race, Language and Culture*. The Macmillan Company, New York.
- BRUMFIT, C. & MITCHELL, R. (1989) *Research in the Language Classroom*, London. In: *ELT Documents 133, Modern English Publications/ British Council*.
- BRUNER, J. (s/d) *Acting in Constructed Worlds In: Actual Minds, Possible Worlds*, Cambridge, pp 121-133.
- CAMERON, D. FRAZER, E. HARCEY, P. RAMPTON, M.B.H. RICHARDSON, K. (eds) (1994) *The Relations between Researcher and researched: Ethics, Advocacy and Empowerment*. Graddol, D. et al (eds).
- CHAUDRON, C. (1987) *Second Language Classrooms - Research on Teaching and Learning*. Cambridge, CUP.